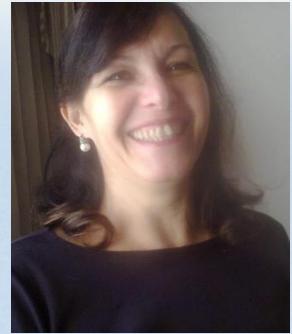


JOGOS, BRINQUEDOS E A BRINCADEIRA NA INFÂNCIA

GAMES, TOYS AND PLAY IN CHILDHOOD



IDELEY STRUMIELLO SOLETTTO

Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2023); Graduação em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo (1984); Professora de Educação Básica no Ensino Fundamental I na EMEF Cel. Ary Gomes

RESUMO

Este artigo discute a importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento infantil destacando como estas atividades são essenciais, na construção da sua identidade, linguagem e cultura enquanto brincam. Considerando-as sujeitos históricos e produtores de cultura, o texto aborda o brincar como prática de liberdade e criatividade que pode contribuir para o autoconhecimento e o desenvolvimento emocional e cognitivo. Influenciado por autores como Arendt e Agamben, o artigo trata o jogo como um espaço que rompe a linearidade do tempo e permite a criança a lidar com o mundo de forma simbólica e transformadora. A prática do brincar é concebida como um direito fundamental da criança, que ao brincar não apenas se diverte, mas também busca as informações desejadas, estabelece conexões, experimenta sensações e é motivada pela necessidade interior, realizada pela própria atividade. O texto enfatiza também a necessidade de ambientes que favoreçam a brincadeira livre e espontânea, sem imposições pedagógicas excessivas, permitindo que a criança explore suas capacidades de forma autônoma e criativa. O papel do educador se mostra fundamental neste processo. O professor deverá ser um facilitador promovendo um ambiente que valorize a expressão infantil em suas diversas formas de comunicação, corporal com gestos e movimentos e linguagens não verbais. Ao retomar sua própria dimensão brincante, o educador e o adulto contribuem para criação de um espaço pedagógico que valorize o brincar, essencial para o desenvolvimento integral da criança e sua preparação para o mundo adulto.

PALAVRAS-CHAVE: Brinquedos; Brincadeiras; Jogos; Infância; Educador.

ABSTRACT

This article discusses the importance of games, toys, and play in child development, highlighting how these activities are essential in the construction of identity, language, and culture while playing. Considering them as historical subjects and producers of culture, the text addresses play as a practice of freedom and creativity that can contribute to self-knowledge and emotional and cognitive development. Influenced by authors such as Arendt and Agamben, the article treats play as a space that breaks the linearity of time and allows children to interact with the world in a symbolic and transformative way. The practice of play is conceived as a fundamental right of children, who, through play, not only have fun but also seek desired information, establish connections, experience sensations, and are motivated by an inner need, fulfilled by the activity itself. The text also emphasizes the need for environments that foster free and spontaneous play, without excessive pedagogical impositions, allowing children to explore their capabilities autonomously and creatively. The role of the educator is fundamental in this process. The teacher should be a facilitator, fostering an environment that values children's expression in its various forms of communication, including physical expression through gestures and movements and nonverbal language. By rediscovering their own playful dimension, the educator and adult contribute to the creation of a pedagogical space that values play, essential for the child's comprehensive development and preparation for the adult world.

KEYWORDS: Toys; Games; Childhood; Educator.

INTRODUÇÃO



*Figura 1 - Fonte Children's Program
<https://www.campbellcountwy.gov/303/Childrens-Programs>
Acesso 28 set. 2025.*

O tema Jogos, brinquedos e brincadeiras surge a partir do interesse de entender a Infância, como se constitui e como é percebida na constituição do sujeito.

A importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras na infância é profunda e multifacetada. Eles não são apenas formas de entretenimento, mas elementos essenciais para o desenvolvimento integral da criança.

Considerar as crianças sujeitos históricos e de direitos, atores sociais, produtores de cultura é resultado de uma construção social e está relacionada com a visão de mundo que a sociedade faz de si e que constrói esses conceitos dentro de um tempo histórico.

O reconhecimento de que as crianças constroem cultura vai se configurar sob a ótica de sua dinâmica histórica, cultural e social.

A descoberta do corpo, a corporeidade, a necessidade de a criança conhecer e estabelecer relações e interações linguísticas vai estabelecendo uma consciência corporal e relacional, pertencentes ao indivíduo em sua totalidade. Essa consciência corporal e relacional vai revelando sentimentos, emoções, experiências, vivenciadas como a possibilidade de construção de sua auto imagem, sua personalidade e identidade, em outras palavras, um desenvolvimento em sua integralidade, um redescobrir-se e descobrir novos mundos na infância através da atividade lúdica.

Segundo Agamben (2005, p.62) a Infância é uma dimensão de experimentação da linguagem, na qual os limites da linguagem não são buscados fora da linguagem, na direção de sua referência, mas em uma experiência da linguagem como tal, na sua pura auto referencialidade.

A linguagem como mensagem do iniciar-se no mundo, de onde falamos e como esses fenômenos nos falam, apropriar-se da linguagem para constituir-se como sujeito e assim seria o adentrar no mundo.

Hannah Arendt (1993, p. 172), quando cita a metáfora da máscara como uma metáfora do ofício, ligada ao modo como aparecemos no mundo, permite que nos identifiquemos como professores, médicos ou advogados. As profissões são uma espécie de máscara social, assim como a ideia da pessoa pública que faz ressoar sua Voz, na ideia da Persona que com características da máscara, ressoa essa voz em diferentes tempos e espaços.

A máscara nos identifica como atuamos nos palcos do espetáculo da vida e do mundo, e é algo singular, único, e assim apareceremos como docentes também únicos singulares. Cada gesto, cada palavra tanto na vida como na escola importa e a escola interpretada como o espaço cênico do docente.

JOGOS, BRINQUEDOS E A BRINCADEIRA NA INFÂNCIA

“Brincando, o homem desprende-se do tempo sagrado e o “esquece” no tempo humano” (Agamben, G. 2005, p. 85).



Figura 2 Crianças Brincando

Fonte <https://olivre.com.br/cinco-brincadeiras-para-estimular-o-desenvolvimento-das-criancas>
Acesso 28 set. 2025.

As crianças, em seus processos de constituição como sujeitos, seres humanos especiais, únicos, em diferentes contextos sociais e culturais, com suas potencialidades, capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais tem motivado várias reflexões em torno do brincar.

Brincando é que a criança busca as informações desejadas, estabelece conexões, organiza suas ideias, faz verificações, experimenta sensações, e é motivada pela necessidade interior, realizada pela própria atividade. Portanto, é muito importante que o adulto e docente valorize e propicie condições para as brincadeiras infantis entre as crianças.

Brougère (1998, p.3) destaca as mudanças históricas que acompanham as práticas de jogar e brincar das crianças. Assim, em cada época e em cada lugar diferenciam-se os objetos e os usos que deles são feitos, tendo a indústria cultural um importante papel nas escolhas e nas ações que envolvem jogos, brinquedos e brincadeiras.

Todo e qualquer brinquedo ou material pode ser utilizado, desde que proporcione à criança oportunidades reais de trabalho físico ou mental, como um caixote, uma caixa, lápis de cor, uma coleção de objetos, uma corda, uma peteca ou quaisquer outros.

O brinquedo faz com que a criança transforme antigos significados de objetos quaisquer, com sua imaginação e criatividade, em outros significados ou funções. O brinquedo, na brincadeira, pode tudo transformar e modificar.

Agamben (2005, p.85) ao falar sobre o jogo o coloca num lugar bem específico, da utopia. A invasão da vida pelo jogo, segundo o autor, tem como consequência a aceleração do tempo, paralisação e destruição do calendário (essencialmente ritmo, alternância e repetição). Brincando a criança se transporta para uma nova linha do tempo. Para compreender esses elementos, o autor constrói um paralelo entre o rito (que fixa a estrutura do calendário, a partir de um tempo que é ritmo e repetição) e o jogo (que altera e destrói essa estrutura). O jogo carrega na sua essência a esfera do sagrado; por meio dele, o homem conserva o passado – com o qual as crianças brincam. São objetos e comportamentos profanos que carregam uma dimensão temporal de uma vez e agora não mais.

As crianças gostam de brincar com objetos antigos, porque eles têm uma essência eminentemente histórica. Desse modo, o que elas fazem é brincar com a história. O jogo transforma e fragmenta toda a estrutura em eventos e rompe a conexão entre o passado e o presente. Por sua vez, o rito acomoda a contradição entre passado e presente, anula o intervalo que os separa e reabsorve todos os eventos em uma estrutura sincrônica. Nesse caso, o rito é uma máquina que transforma diacronia em sincronia – ao contrário do jogo, que transforma sincronia em diacronia. Entretanto, se houvesse uma sociedade na qual o rito fosse tomado pelo jogo – como ocorre no país dos brinquedos de Carlo Collodi, autor do livro Pinóquio, – as horas poderiam correr como faíscas e a alegria, a bagunça, algazarra seriam a diversão espontânea no universo do jogo.

A alegria de poder se expressar na linguagem universal, que é a linguagem corporal, a linguagem dos movimentos, da dança, das brincadeiras, dos gestos, dos pequenos detalhes, faz parte da construção pessoal infantil.

As brincadeiras inventadas, os jogos propostos ou inventados pelas crianças, são vistos muitas vezes como territórios educativos, mas sem que haja o controle de seus corpos, podem propiciar novas aventuras, descobertas, criações e abertura de espaços de livre expressão.

Muito importante a reflexão de Patrícia Prado, “aquilo que é transmitido pelos homens é também criado por eles no conjunto das relações” (Prado, 1999, p.114), e nesse sentido, as relações entre as crianças pequenas também poderiam ser consideradas como geradoras de cultura.

Segundo Prado (1998, p.115), as brincadeiras são realizadas por adultos e por crianças, pertinentes aos dois mundos, e a partir dessa afirmação pode-se pensar que de uma forma ou de outra essa relação produz “frutos culturais” tanto na fase adulta como na infância. Observar as brincadeiras das crianças pode nos fornecer muitas informações sobre o que de fato é construído, e como algumas atitudes e fatos são reproduzidos e produzidos.

Deve-se estar atento não somente as palavras das crianças como também a todas as outras expressões: “Não reduzir a capacidade de expressão das crianças somente à fala, mas de se estar atento aos gestos, movimentos, emoções, sorrisos, choros, silêncios, olhares, linguagens sonoras e outras linguagens” (Prado, 1999, p.111).

Dessa forma, como afirma Patrícia Prado:

Reconhecer esta criatividade e complexidade é, na verdade, reconhecer o direito das crianças à própria infância e à brincadeira livre, espontânea, em que as crianças não se limitam somente a se apropriar de uma parcela da vida experimentada ou observada, mas também cuidam de alargá-la, condensá-la, intensificá-la, conduzi-la para novos caminhos - caminhos que se revelam quando a criança emerge como protagonista e ganha a cena, voz e ouvidos. (Prado, 1999, p.113).

Assim, cabe ao professor que está ou estará em contato direto com a criança, retomar a sua dimensão brincalhona e valorizar o ser brincante que fomos e que as crianças nos provocam a ser, das e nas múltiplas linguagens, conforme ressalta Sandra Richter (2017, p. 14):

“Ser brincante da e na linguagem, a partir dos jogos mundanos com objetos, brinquedos, palavras, sonoridades, traços, silêncios, terra, água e muito mais, rompe com convenções de linguagem para abarcá-los novamente com a linguagem do corpo-empatia. Ser brincante implica uma experiência de linguagem exigente e interpeladora, pois somente quando nós deixamos abrir a novas interpretações – rupturas e religações – podemos levar adiante o devir de nós mesmos. Esse é o jogo: a alegria da expansão do pensamento. Jogar e brincar com sentidos alude à força criativa e inventiva daquilo que se faz pelo próprio valor, por nenhuma razão ou prévio “já saber”, mas por estar onde se está – aqui e agora, ou seja, ao “não saber ainda”. Essa é a experiência, essa é a brincadeira”.

Retomar a dimensão brincalhona é se deixar envolver com o lúdico e com as diversas linguagens que envolvem a infância, compreendendo os significados e contextos dos jogos, brincadeiras e brinquedos e principalmente abrindo-se a espontaneidade das crianças.

A formação do professor, portanto, requer além de retomar o seu “ser brincante”, sua espontaneidade da infância, um olhar e uma escuta apurados para deixar-se sensibilizar quanto aos desejos e necessidades das crianças dando protagonismo e espaço para a livre expressão e contribuições do universo infantil.

Quanto às práticas relacionadas ao brincar, quando definimos/escolhemos brinquedos, quando, nós adultos, vigiamos as práticas, quando as controlamos e dirigimos, o brinquedo, as brincadeiras, os jogos acabam sendo permeados pelo poder.

Há, portanto, necessidade de adequação do brinquedo para que a criança seja levada a brincar com liberdade e livre de pressões exteriores.

Atualmente, é inconteste a importância das brincadeiras para a infância, porém o que geralmente se verifica nas instituições escolares é um brincar dirigido ou um “deixar brincar”, ambos pouco contribuindo para o prazer das crianças e sendo excessivamente pedagogizado, perdendo-se a ideia de prazer, que está inerente a cada atividade da criança.

De uma forma geral, os jogos e brincadeiras fazem parte da vida das crianças, seja nas famílias ou nas instituições educativas.

Em casa os pais e outros adultos da família ensinam jogos, brincadeiras e cantigas, pensando no divertimento e também na recreação das crianças.

Nas escolas, as brincadeiras e jogos são materiais lúdicos, fontes de ricas experiências de culturas diversas, mas quando as crianças não encontram algo que desperte sua atenção elas acabam por inventar ou imaginar sua própria brincadeira, brinquedo ou jogo.

Concluindo, cada uma das atividades lúdicas, jogos, brinquedos e brincadeiras, contribuem para esse processo de desenvolvimento infantil nos seguintes aspectos:

- Desenvolvimento Cognitivo: estimula o raciocínio e a criatividade: Jogos de construção, quebra-cabeças e brincadeiras simbólicas (como brincar de casinha ou de médico) ajudam a criança a resolver problemas e a imaginar possibilidades. Favorece a atenção e a memória: Brincadeiras que exigem regras e estratégias (como esconde-esconde ou jogo da memória) contribuem para o foco e retenção de informações.

- Desenvolvimento Motor: Coordenação motora fina e grossa. Brincadeiras como desenhar, recortar, empilhar blocos ou correr, pular e dançar desenvolve habilidades motoras essenciais. Consciência corporal: Brincadeiras físicas ajudam a criança a entender os limites e as capacidades do próprio corpo.
- Desenvolvimento Social: Aprendizado de regras e limites. Ao brincar com outras crianças, aprende-se a compartilhar, esperar a vez e lidar com frustrações. Fortalecimento de vínculos afetivos: As brincadeiras proporcionam momentos de interação emocional com outras crianças e adultos.
- Desenvolvimento Emocional: Expressão de sentimentos. Através da brincadeira, a criança pode externalizar medos, alegrias, inseguranças e desejos. Autoconfiança e autoestima. Ao experimentar diferentes papéis e desafios, a criança se sente capaz e valorizada.
- Desenvolvimento da Linguagem: Ampliação do vocabulário. Brincadeiras com histórias, músicas e interações favorecem o aprendizado de novas palavras e formas de se comunicar. Estímulo à comunicação, jogos em grupo incentivam o diálogo, a negociação e a argumentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jogos, brinquedos e brincadeiras são muito mais do que entretenimento são elementos estruturantes da infância, espaços de construção da subjetividade, socialização, aprendizado e expressão simbólica. Promover o brincar é, portanto, garantir o direito da criança de se desenvolver plenamente como sujeito de cultura, linguagem e afetos.

A brincadeira é uma linguagem própria da infância, sendo uma forma legítima de expressão, comunicação e aprendizado. Para a criança, o brincar não é apenas passatempo ou lazer, mas constitui-se como uma experiência fundamental para o seu desenvolvimento integral.

Para que se possam colocar em prática todas as atividades brincantes para as crianças, se faz necessário um planejamento cotidiano como um processo reflexivo onde serão traçados, projetados, programados, elaborados roteiros para empreender uma jornada de conhecimento e interação para e com as crianças. Flexível para que permita ao educador repensar, revisar buscando novos significados para sua prática pedagógica. Mas que a criança tenha centralidade neste processo.

As crianças brincam sempre que atividades lhes são proporcionadas, na escola, na sala, no pátio, em casa ou na praça... e que os brinquedos estejam à sua disposição e ao seu alcance.

Que meninos e meninas brinquem, joguem, dancem, se expressem e cuidem de si e dos outros nas suas brincadeiras. Que possam brincar e esse brincar se torne uma forma de se expressar entendendo que tem seu direito garantido para fazê-lo.

Vivenciar e experienciar o brincar, de maneira prazerosa e criativa, colabora para o desenvolvimento infantil em todos os aspectos e permite ainda que as crianças vivam a infância de forma mais plena.

Uma criança que conhece a si mesma e ao seu corpo adquire domínio sobre seus movimentos e suas relações com o mundo externo.

Os brinquedos são instrumentos que facilitam e potencializam a brincadeira. Devem ser adequados à faixa etária e estimular diferentes aspectos do desenvolvimento. Eles podem ser estruturados (com regras) ou livres (exploratórios), mas o mais importante é que estejam presentes no dia a dia da criança.

Os jogos, especialmente os com regras, são fundamentais para ensinar disciplina, tomada de decisão, resolução de conflitos e cooperação. Além disso, são ferramentas importantes para introduzir conteúdos escolares de forma lúdica e significativa.

Concluindo, brincar é uma necessidade fundamental da infância, através dos jogos, brinquedos e brincadeiras, a criança se desenvolve de forma completa, construindo sua identidade, suas relações e sua visão de mundo. Por isso, é essencial garantir tempo, espaço e liberdade para que as crianças possam brincar

O professor, imbuído de sua máscara do ofício, se conscientize de que a educação pelo movimento, seja através de uma dança, brinquedo, brincadeira ou jogo, constitui-se em uma peça fundamental na construção pedagógica, que permite à criança resolver mais facilmente os problemas de sua escolaridade e a prepara, por outro lado, para sua entrada e existência no mundo adulto.

O brincar em jogos, brincadeiras e brinquedos não podem mais ficar relegados ao segundo plano, sobretudo porque o professor constatará que esse material educativo não verbal constituído pelo movimento é por vezes um meio insubstituível para afirmar certas percepções, desenvolver formas de atenção além ser um meio prazeroso de expressão no mundo que acolhe essas crianças e infâncias.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O país dos brinquedos. In: Infância e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. Experiências do Tempo, São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ARENDT, H. “A Dignidade da Política: Ensaios e Conferências”, Ed. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1993.

BROUGÈRE, G. “Brinquedos e companhia”, Ed. Artmed, São Paulo, 2004

BROUGÈRE, G. "A criança e a cultura lúdica", Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998.

PRADO, P. e ANSELMO, V. "A brincadeira é o que salva": Dimensão brincalhona e resistência na creche/pré-escola da USP. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 46, 2020.

PRADO, P. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche - um olhar sobre as brincadeiras. In: I COPEDI - Pensando primeiro na criança, 1998, Águas de Lindóia. Programas e Resumos do I Congresso Paulista de Educação Infantil, 1998.

PRADO, Patrícia D. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. Pro-Posições (Unicamp), UNICAMP, v. 10, 1999.

RICHTER, S. e BERLE, S. Pedagogia como gesto poético de linguagem. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 4, 2015.

RICHTER, Sandra R. S., SILVA, Adriana A. e FARIA, Ana Lúcia G., A educação encontra a arte: apontamentos político-pedagógicos sobre direitos e pequena infância, Zero-a-seis, Santa Catarina (UFSC), v. 19, n.36, 2017.